

Etologia e subversão¹

A. BRACINHA VIEIRA*

I. LIBERDADE, ALTERIDADE, IDENTIDADE

Foi singular a resistência oposta ao estudo da Etologia humana — adiada desde Darwin, mais propriamente desde a data da publicação do seu livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872) — em contraste com a ousadia menos escrupulosa permitida a outras ciências do Homem.

Mais do que a anatomia, o comportamento parecia garante da liberdade e da alteridade do Homem, suposto *sapiens, loquens, erectum, bimanum*, desde Lineu. Extintos os antepassados, e nenhum híbrido de *Homo* e *Pan*, *Gorilla* ou *Pongo* tendo manifestado o vínculo material da espécie humana à condição genética, cerebral e comportamental dos Primatas, subsistiram longamente pressupostos não criticados da alteridade humana.

Nos últimos anos, o estudo comparativo sistemático dos comportamentos tem clarificado este campo obscuro da separação. Pode-se hoje afirmar que nem a diversidade cultural (Sabater-

-Pi, 1974), nem a comunicação por meio de uma linguagem gramatical aprendida ou a utilização ponderada de instrumentos afeiçoados (Savage-Rumbaugh e col., 1978), nem a interdição do incesto (Goodall, 1973), nem mesmo a possibilidade de conceptualização da morte (Galdikas, 1980), separam os Pongídeos actuais de *Homo sapiens sapiens*.

As próprias mímicas expressivas eram supostas afirmar a natureza humana — «pour ce que rire est le propre de l'Homme», no dizer de Rabelais. E eis que nos propõem uma história natural do riso, que enraíza a expressão mais genuína do Homem em comportamentos ancestrais do seu táxone (Hoof, 1972).

O fim da alteridade implica e acarreta o termo da liberdade: o facto de compartilharmos com os Primatas diversas estruturas nervosas centrais homólogas,² impõe-nos um nível de homologias comportamentais, sobretudo no plano dos comportamentos sociais. André Langaney: «A nossa liberdade é vigiada pelas nossas

* Professor na Faculdade de Medicina de Lisboa.

¹ Não se trata de um texto científico, mas — parafraseando Edward Osborne Wilson (1978) — de um texto sobre a ciência nas suas correlações e implicações ideológicas, deliberadamente polémico e redigido de forma cursiva.

As figuras — excepto 2, 5 e 10 — foram obtidas a partir de fotografias pelo Arquitecto Raul Veríssimo.

² A notável uniformidade do plano cerebral dos Primatas (MacLean, 1975; Ploog, 1977) reencontra-se no Homem. As funções de decisão e imaginação surgem tardiamente no curso da 'hominização' e reportam-se à mais recente das estruturas cerebrais, o *neo-córtex basal* (Spatz, 1966). Quanto à lateralização e dominância hemisférica, encontram-se no Homem e no Gorila da montanha (Groves e Humphrey, 1973) e parecem ter deixado evidência fóssil nos Protohomídeos (Abler, 1976).

hormonas, os nossos instintos e os nosso cidadãos» (Langaney, 1979).

A evidência de que o Homem actual não apareceu sobre a Terra feito e acabado, mas tem raízes num passado longínquo — tendo herdado o essencial da sua morfologia e fisiologia, os seus componentes e processos químicos e imunitários, mas também uma parte dos seus comportamentos e tendências, e também as direcções preferenciais e períodos sensíveis da sua capacidade para aprender — essa evidência levou os precursores históricos da Etologia, sobretudo K. Lorenz (Lorenz, 1975) e N. Tinbergen (Tinbergen, 1973b), e recentemente os sociobiólogos (Wilson, 1978), a postular um fundo biológico da cultura, da ética e, por fim, da própria religião (Wilson, *op. cit.*).

Porém, a cultura pode retroagir sobre a biologia, modificando em intervalos relativamente breves o *pool* genético de uma dada população que reparte certas normas culturais: quando, por exemplo, certo ideal cultural selecciona num ou noutro sentido os genes que favorecem o nível dos comportamentos agonísticos, pode esse ideal agir à semelhança da selecção artificial.

Qual é, em todo o caso, o grau de uniformidade e invariância do Homem para além da diversidade cultural? Apesar de ser programado filogeneticamente para aprender, entre que limites pode essa aprendizagem ser viável, adaptativa, ou sequer desejável? Em que medida os processos históricos e os seus motores (ideológicos) podem ficar aprisionados nos universais do comportamento social humano? — Questões cuja ressonância ideológica é imediata e suscita questões e asserções diversas:

George Vignaux: «*De que tipos de ideologias e práticas a noção de programa é não só tributária como favorece a caução?»* (Vignaux, 1977).

Konrad Lorenz: «*Quanto aos manipuladores de massas, o cão pavloviano é, para eles, o cidadão ideal.*» (*L'Express*, 1970.)

Reacendeu-se recentemente, em novo cenário epistemológico, a controvérsia entre a importância do inato e do adquirido na génese dos comportamentos animais e humanos (Eibl-Eibesfeldt, 1979b; Jacquard, 1980). Nas inter-

acções complexas entre as informações da filogénese e o processo ontogenético (na relação singular que se estabelece entre o sujeito e o seu meio-ambiente) se definem os comportamentos individuais e os *invariantes* supra-individuais. Ganha fundamento a noção de aprendizagem diferencial e preferencial, e de 'períodos sensíveis' para uma aprendizagem orientada.

O papel da Etologia nesta polémica antiga é sobretudo o de demonstrar a identidade fundamental do Homem e a origem monofilética da espécie. As diferenças de raça, casta, varna, classe e estatuto, tornam-se assim secundárias e circunstanciais (Eibl-Eibesfeldt, 1976). Onde o etnólogo procura a *diferença*, o etólogo humano estabelece a *identidade*. Por isso, os trabalhos de campo³ de um e de outro são, no seu objecto respectivo, inversamente delineados, quaisquer que possam ser as suas semelhanças formais e metodológicas.

Tanto o marxismo histórico como o liberalismo económico têm firmado os seus conceitos (e técnicas de manipulação) sobre teorias da aprendizagem — desde a reflexologia e o *behaviourismo* clássicos até ao condicionamento operante e à psicologia cognitivista. A informação de que nem toda a aprendizagem é possível ou bem sucedida, e de que há algo de inevitável nas respostas sociais do Homem, significa que o seu comportamento não pode ser vertido como uma cera fundida no aparelho conceptual e técnico das ideologias e do Poder.

³ Sendo por essência mais *voyeurista* do que as outras ciências do Homem (todas o são, como de resto as ciências da natureza), a Etologia humana torna-se ciência apenas quando supera as próprias condições do seu *voyeurismo*: i.e., os movimentos expressivos só adquirem o seu exacto valor na comunicação (por vezes mesmo só são discrimináveis) quando se lhes retira o carácter familiar e, olhados com distanciação crítica — por vezes com surpresa, como aconteceu com o *eyebrow flash* — se tornam objecto de discurso científico (sem excluir a empatia fenomenológica na atribuição de uma *intencionalidade*). Por isso, as descobertas feitas a partir de registos fílmicos decorreram habitualmente de projecções aceleradas ou lentificadas, quando a cumplicidade cessava entre o observador e a mímica do observado, e a humanidade do etólogo se distanciava dos documentos objectivos do comportamento humano.

A recusa, sob instigação ideológica, dos dados inequívocos da hereditariedade e da genética dos comportamentos, é tão absurda como os intentos de refutação da prova experimental, feita por Pasteur, da inexistência de geração espontânea⁴ nas condições presentes do mundo, a pretexto de que tal conclusão transviava a vocação das filosofias da História.

Por outro lado, o empenhamento ideológico de alguns autores manipulou por vezes o sentido ambíguo e/ou equívoco de certos termos que, apropriados pela Etologia e aí redefinidos com perda do seu sentido tradicional, depois se transpuseram analogicamente para a sociologia humana. Facto tanto mais imprudente quanto a Etologia, desde von Uexkül, acentuou sempre o carácter erróneo e a absurdidade dos antropomorfismos e antropocentrismos.

Ainda assim, palavras tais como 'hierarquia', 'dominância', 'propriedade', 'território', etc., foram extrapoladas da biologia para a cultura para afirmarem conclusões tendenciosas. Ao uso abusivo da Etologia, interpretando comportamentos a partir de analogias valorizadas como homologias, chama Callan *etologismo*, discutindo as suas causas e a extensão e consequências da sua ilegitimidade epistemológica (Callan, 1970).

Bem diferente na sua validade e alcance heurístico é o recurso ao *método aspectivo* (Pongratz, 1973; Tinbergen, 1973a), pondo em convergência aspectos trans-disciplinares dos fenómenos do comportamento produzidos em diversos níveis e questionando a sua causa, intencionalidade, função, evolução e ritualização ulterior (Vieira, 1979).

Assim, por exemplo, a *apresentação masculina* parece ser um arcaico comportamento social de intimidação-dissuasão inscrito no cérebro pálido-estriar dos Primatas (MacLean, 1976), susceptível de ser evocado por estimulação central (Ploog, 1977). Este comportamento

foi semantizado e ritualizado em diversas espécies actuais, intervindo nas respectivas posturas e paradas de ameaça, e também, no Macaco-esquilo (*Saimiri sciureus*), na corte e saudação (MacLean, 1973).

Wickler descreveu, em Babuínos e Cercopitécos, a existência de 'sentinelas territoriais' que exibem uma erecção parcial, às vezes rítmica, que funciona como semáforo territorial eficaz a médias distâncias. Podem, de resto, colorações vivas dos órgãos genitais vir acentuar o valor semântico de tal estímulo-sinal, realizando uma adaptação morfo-comportamental específica (Wickler, 1967; Eibl-Eibesfeldt, 1972).

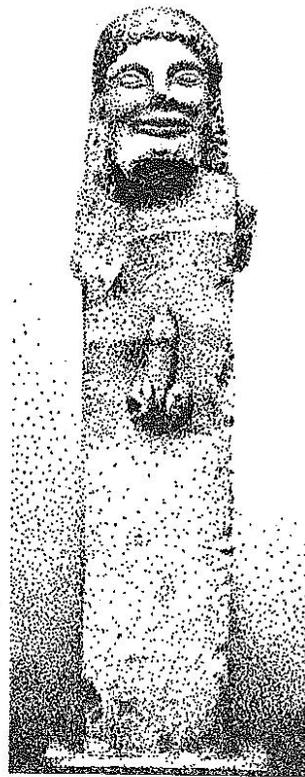


Fig. 1 — Pilar hermaico, proveniente de Sifnos (final do século VI a.C.). Admite-se que os Hermes ictifálicos que rodeavam Atenas tinham uma função de protecção espaço-territorial. A sua mutilação pelo grupo de Alcibiades, numa noite do ano 415 a.C., lançou o terror entre os atenienses.

⁴ Essas experiências puseram termo a uma longa controvérsia da história da biologia entre 'preformacionistas' e 'espontaneístas', a qual, já no século XVII, opusera Redi às ideias do seu tempo, e, no século XVIII, confrontara Spallanzani com Needham (Rostand, 1945).

Diversos equivalentes humanos — mitológicos, etnológicos, arqueológicos (figs. 1 e 4) — de fenómenos desta ordem foram referidos (Gajdusek, in MacLean, 1976; Eibl-Eibesfeldt,

1976; Heymer, 1977), viabilizando a probabilidade do valor intimidativo da *apresentação masculina* ter desempenhado um papel funcional no passado do Homem. Com esta base foi formulada a hipótese de o *papel civilizador do vestuário* ter resultado de que, ocultando os órgãos genitais masculinos e, conseqüentemente, a apresentação, ter-se-iam reduzido as tensões agonísticas com facilitação da vida gregária (MacLean, 1976).

Vários trabalhos de campo, trans-culturais, têm mostrado o valor dos equivalentes satíricos e imprecativos da apresentação masculina, na actualidade. Num desenho de 1903, Picasso transmite o sentimento de provocação contido nessa postura (fig. 2). As figuras 3 e 4 mostram,



Fig. 2 — Pablo Picasso (1903): *Picasso par lui-même*.

respectivamente, uma atitude apaziguadora de Hanuman — ‘rei dos macacos’ de representação antropomórfica, herói mítico do Ramayana, muito popular no oriente hinduízido — que oculta a boca e os órgãos genitais; e uma atitude de ameaça (protecção apotropaica), quase inversamente configurada, de uma divindade Arawak, da Jamaica, que se apresenta ictifálica e com exibição dos caninos.

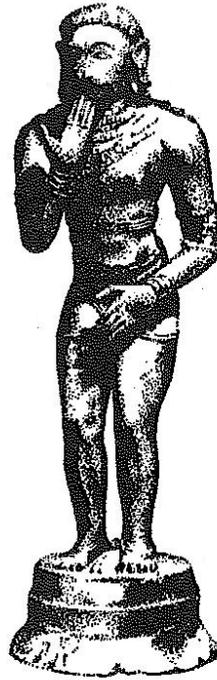


Fig. 3 — Bronze do sul da Índia: reprodução antropomórfica do herói mítico Hanuman, em atitude de obediência, ocultando a boca e os órgãos genitais.



Fig. 4 — Deus Arawak, da Jamaica: à atitude intimidativa, com *apresentação masculina*, exibição dos dentes e grandes olhos, corresponde nesta figura uma função apotropaica.

II. AGRESSÃO, IRONIA, PODER

As analogias adaptativas que se podem encontrar entre disposições culturais e soluções filogenéticas permitem muitas vezes compreender a *função* dos comportamentos em causa (Lorenz, 1974). As normas de ‘boa educação’, por exemplo, costumam ter um valor de apaziguamento e/ou demarcação hierárquica, facilitando eventualmente o contacto ulterior. Muitas vezes, ritualizam *movimentos de intenção* propiciatórios, nos quais se exhibe um certo grau de incomodidade («Incomodar-se — escrevera Pascal — constitui prova de consideração»).

Nos grupos de animais dotados de armas poderosas, é quase invariável a existência de uma rígida *ordem de dominância*, permanentemente reafirmada por meio de numerosos estímulos-sinais de contexto agonístico que indicam submissão-apaziguamento *versus* intimidação-

-provocação. Sob este aspecto, e no plano analógico com a cultura, seria interessante realizar um trabalho de campo devidamente documentado e aferido sobre a subcultura militar, na perspectiva etológica comparativa.

Como acontece em todos os grupos de Primatas dotados de armas perigosas, os exércitos (principalmente no mundo ocidental e ocidentalizado) adoptam normas comportamentais que a cultura reproduz em convergência adaptativa com a biologia, e com funções análogas. A diferenciação guerreira das actividades numa população resulta assim numa acentuação das regras autoritárias dentro do grupo e num reforço e rigidificação das diferenças hierárquicas entre os seus membros, visando prevenir as confrontações intra-grupais.

Fenómeno bem conhecido nas espécies gregárias com fratrias guerreiras — desde os Himenópteros aos Primatas, em cujos grupos os dominantes afirmam a sua supremacia de modo altamente ritualizado, e asseguram, entre certos limites, a defesa do grupo. (Quando este papel protector do grupo perde o seu valor funcional — como, por exemplo, em semi-cativeiro — nem por isso se atenua a preeminência dos dominantes aos quais incumbe a função guerreira).

Nos exércitos modernos observa-se uma ordem linear absoluta, rara nos animais superiores; não há, teoricamente, dois militares com igual hierarquia: quando a graduação é a mesma, a antiguidade prevalece e designa o estatuto. Para promover esta ordem de dominância (*rank order*) estrita, importa uniformizar e desindividualizar, de modo que a hierarquia se reporte apenas aos semáforos que a indicam e se deduza deles directamente; assim, os traços caracteriais e a dominância real, biológica, dos sujeitos, não perturbarão a clara discriminação hierárquica institucional — e convém lembrar que, no mundo animal, todo e qualquer equívoco quanto à ordem de dominância pode ser causa de confrontações diádicas envolvendo sujeitos de estatuto aproximado e mal demarcado.

Resumimos em quatro pontos as características comportamentais dos grupos militares:

i) *Ritualização ostensiva dos símbolos de unidade e coesão do grupo.*

Os inúmeros movimentos ritualizados combinando as posições do corpo e da arma, compõem um léxico complicado, que se executa em resposta quer a ordens verbais estereotipadas (com conteúdo paralinguístico expressivo), quer a toques instrumentais breves com o valor de 'estímulos-chave'. O movimento de 'apresentar armas', por exemplo, envolve uma exibição de intenção, que se pode interpretar como intenção de pôr a arma à disposição do superior hierárquico que dá a voz de comando (ou do símbolo ritualizado — hino, bandeira, etc. — que exprime a força coesiva do grupo).

A linguagem de intenção com a arma e a postura designa graus sobrepostos de alerta, níveis sucessivos de disposição para a luta encaixada segundo um crescendo e um decrescendo, sublinhando os estados de potencial agonístico.

Nos desfiles de tropas, a súbita exibição das armas em atitude para-funcional, bem como a ordem de olhar para a figura dominante, que polariza a coesão do grupo (movimento acentuado por um vigoroso golpe das botas contra o chão), e muitos outros movimentos ritualizados, exprimem claras intenções de 'defender a causa comum' e de 'homenagear e obedecer' ao comando presente. As 'salvas', de homenagem a um visitante estrangeiro, adquirem o significado de agressão de deslocamento (Eibl-Eibesfeldt, 1979a).

ii) *Ritualização muito formalizada das diferenças hierárquicas, comportando semáforos de afirmação de estatuto* — de forma, cor, brilho ou som: galões, condecorações, penas nos capacetes, toques devidos a certas hierarquias, etc., não podendo o militar abdicar dos direitos que lhe são devidos. Esta ritualização abrange movimentos de intenção de agressividade, submissão, redirecção da hostilidade, semantização expressiva de posturas agonísticas, etc.

Os sinais ritualizados são sobretudo visuais e acústicos: um toque de clarim ouve-se de longe; galões cintilando ao sol são percebido-

náveis a muitos metros de distância. Quanto às ordens militares, embora articuladas verbalmente, tendem a perder o carácter discursivo, a estereotipar-se e a adquirir intonações e estridências peculiares, a deformar-se e a simplificar-se, tornando-se conspícuas e assemelhando-se mais a interjeições exclamativas com 'intensidade típica' do que a frases. Compartilham assim das características dos estímulos-sinais produzidos normalmente na comunicação intra-específica, com os seus traços de exagero e acentuação mímica.

As mímicas apaziguadoras habituais (aceno de mão, aperto de mão, sorriso, etc.) são dissuadidas com vigorosos reforços negativos, ou relegadas para depois da emissão dos sinais militares (continência, etc.). Um soldado mal fardado, cujos semáforos de índole hierárquica não são inequivocamente expressivos, é reprimido ou punido. Tal escrúpulo incide sobre pormenores dos mais insignificantes, visando obter uma distinção nítida dos atributos de dominância e subalternidade. Por outro lado, a utilização de artigos militares por civis é comumente considerada crime de foro militar.

iii) *Assimetria dos estímulos-sinais hierárquicos nas interações diádicas*, clivando o dominado do dominante e permitindo enfim, uma vez exibidos em resposta um ao outro, um contacto menos formal entre os sujeitos.

A própria continência, aparentemente simétrica, é de facto assimétrica na sua sequência temporal, devendo o dominado preceder o dominante na sua execução (sabemos que a continência ritualiza um movimento de intenção histórico de apaziguamento e confiança, que consiste em retirar o elmo, expondo o crânio — cf. Lorenz, 1974); assimétrica é, também, no rigor posto na sua execução: é frequente que à continência formalizada de um sargento responda o gesto negligenciado e degradado de um coronel. De resto, a continência perfeita envolve um instante de acinesia total, que sublinha a mensagem de confiança com um componente de submissão (em muitas espécies, uma breve postura acinética tem um importante

valor apaziguador). Além de tudo, segundo os estatutos militares, a própria distância a que se inicia e termina a continência deve ser proporcional ao estatuto do superior a apaziguar.

O espaço conserva portanto, aqui, todas as linhas de forças intencionais da dinâmica hierárquica. Quando, por exemplo, o comandante de uma formatura dá um passo em frente na direcção de um superior presente, logo o apazigua da aproximação que intentou, associando um gesto de continência que, retribuído, desdramatiza o acto e lhe confere novo conteúdo semântico.

Nas situações de tensão, aumenta a ritualização e acentua-se a assimetria dos comportamentos, tanto no plano verbal como gestual. Quando um superior admoesta um subalterno, este deve permanecer imóvel: esta acinesia normativa inibe-lhe toda a motórica e sinais mímicos que eventualmente queira produzir, e redu-lo ao uso de linguagem verbal, quando o superior lho consente expressamente.

Por vezes, em situações de intensa tensão, acontece que os rituais de apaziguamento e tributo são mandados repetir vezes seguidas, de forma a propiciarem o superior irado. A semelhança do que acontece com Primatas e Carnívoros gregários, se a postura submissiva (normalmente produzida em imobilidade) não é mantida o tempo suficiente, pode o dominante permanecer em estados de apetência hostil e mandá-la repetir com redobrada energia. A inobservância dos ritos apaziguadores é punida com grande rigor.

iv) *Grande dimorfismo sexual*, com exclusão ou subalternização das fêmeas.

Quem ousará negar o inatismo da agressividade humana depois dos conhecimentos neurofisiológicos acumulados desde os trabalhos precursores de Von Holst e Von St. Paul (*in*: Eibl-Eibesfeldt, 1972)? Quem duvidará da sua natureza transfenoménica perante o seu registo filmico transcultural, documentando comportamentos agressivos em crianças de culturas regidas por ideais pacifistas (Eibl-Eibesfeldt, 1976)?



Fig. 5 — Enrico Baj (1951): *O General*.

Contudo, temendo que o reconhecimento da condição nativa da agressão humana se confunda com a legitimação da violência (suposta adaptativa nas competições sociais), certos teorizadores foram levados a refutar a agressão enquanto inseparável da essência do Homem. Erich Fromm: «*Esta teoria de uma agressão inata facilmente se torna ideologia (...) que ajuda a racionalizar o sentimento de impotência perante o que acontece*» (Fromm, 1973).

Eis uma asserção característica de um freudomarxista que não suporta qualquer limitação ao seu optimismo historial, ao seu projecto de tratar indivíduos, melhorar a sociedade, entregar-se a uma *praxis*, v. a uma militância com sentido histórico e/ou terapêutico — e por tudo isso justificar-se.

Verdadeiramente, os dois processos históricos que partilham o mundo industrial-urbano da modernidade invocam a agressão como motor da sociedade, mediante estratégias agonísticas integradas na cultura: tanto o liberalismo económico na perspectiva do *laissez faire*, como

a luta de classes, postulam formas de agressão como elemento essencial de progresso.

Alguns etólogos têm procurado os limites do possível valor adaptativo da agressão, bem como os seus equivalentes e antídotos comportamentais — que nos chegam, indemnes, dos períodos mais remotos da História. Assim, por exemplo, o gesto do vencido que pede clemência (que inspira o movimento de intenção de saudar com a mão), atravessa os séculos: o artista que gravou o punho do escudo de Noicattaro (fig. 6), ao esboçar uma minotauromaquia, trata

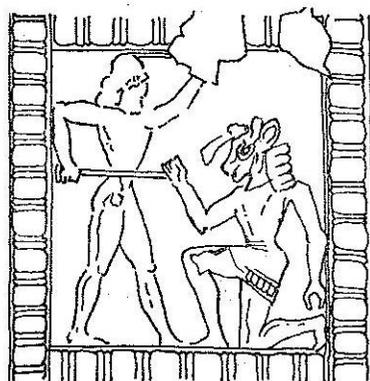


Fig. 6 — Pormenor do punho do escudo de Noicattaro, em bronze (cerca de 560 a.C.): gesto antropomórfico de pedir clemência, do Minotauro ameaçado de morte.

o Minotauro como um homem⁵ e impõe-lhe um gesto de homem. Enquanto na *Minotauromaquia* de Picasso (1935), à violência do monstro são opostos estímulos-sinais de apaziguamento para os quais se supõe uma raiz biológica: a criança que, indiferente à ameaça, segura uma oferenda. Quer dizer: se o Minotauro for (ainda) humano, deter-se-á!

Também alguns gestos vinculativos, de intenso significado biológico, se repetem desde os tempos arcaicos — como no fragmento, que nos vem do Arcaísmo ático, de um relevo funerário em mármore, mutilado mas conservando o gesto

⁵ Em qualquer representação figurativa da pessoa humana (ou antropomórfica) quando for possível estabelecer a intencionalidade que o autor atribui às figuras traçadas, podem-se procurar correlações entre as disposições que as inspiram e as mímicas e posturas de que são reflexo.

expressivo dirigido pela mãe à criança (fig. 7). A forma e a intencionalidade destes e outros movimentos com poderosa função expressiva, evocativa de sentimentos que permanecem inalterados, manifestam-se *in illo tempore* e atestam da condição comum do Homem.



Fig. 7 — Lápida funerária, em mármore, do arcaísmo ático (540 a.C.): Mãe e filho.

III. GESTO, PALAVRA, MANIPULAÇÃO

O papel da mímica e do gesto pode, porém, subverter o verbo: sobretudo quando irrompe — testemunha de forças instintuais irreprimíveis — para contaminar e desafiar os discursos sistemáticos. Por isso, desde as suas origens históricas, a Psicanálise se defende (do objecto de estudo) da Etologia. Entre o divã e a cadeira de Freud nunca se cruzavam os olhares; nenhuma mímica, motórica ou postura eram supostas perturbar a produção pura do discurso.

Freud defendia-se da expressão não verbal dos instintos, i.e., do que ela continha de revelador, de imprevisível (para o analista) e por tanto de ameaçador (da imperturbabilidade do analista, logo do sucesso da análise). O 'inconsistente' ronda os gestos e as mímicas: por isso, uma comunicação a esse nível entre o analisado e o analista, obscura mas repleta de conteúdo, eminentemente comprometedora, levaria o ana-

lista a trair-se ou a romper os seus próprios limites discursivos, dizendo o que devia calar ou revelando o que devia velar.

O psicanalista surgiria assim na sua plenitude de ser vivo em relação: situação insuportável, que o ângulo do divã prevenia — esperando-se da palavra a revelação inteira dos conteúdos, mediante o discurso acabado, fechado sobre os seus próprios símbolos.

Curiosa ilusão: as palavras são ainda o resultado directo de movimento musculares — de contracções articuladas da laringe, subtilmente aferidas mas constantemente vulneráveis às emoções, que modulam o discurso com intonações expressivas, domínio complexo dos paralinguísticos. A gravação de uma voz que se emociona, mesmo em língua estranha, transmite-nos o essencial dos seus sentimentos.

No limite entre o gesto e a palavra, certas interjeições exclamativas, tão expressivas como o gesto de clemência do Minotauro vencido, ou o movimento vinculativo da mãe para a criança, trazem a mímica para o discurso verbal, e constituem intrusão das camadas anímicas da personalidade nas ideativas. Claudel conseguiu efeitos desta índole em *Les Choéphores*, incorporando sons gregos na língua francesa, como podemos ouvir na morte de Egisto:

*«Egisthe — Hé! hé! — Otototoi! — Héa!
Le Choeur — Héa! héa!
Qu'est-ce? qu'est-il arrivé?»*

Mas no Homem, o espaço discursivo é também espaço de olhares movendo-se em campos de força que eles próprios criam e em que interferem. Nestes campos se orienta a palavra e se organiza a sua estratégia — quando não são os próprios sinais de olhos que, feitos ideograma, habitam a palavra escrita, como nos hieroglifos. Evoluídos para receber mensagens, os olhos, mais do que qualquer outra estrutura, foram re-semantizados para emitir mensagens (v. sociais) e são dos estímulos-sinais mais largamente representados na natureza. Entre os Primatas, a estrutura das

unidades sociais pode estar dependente da atenção prestada aos olhares (Chance, 1967). As estruturas de *Homo sapiens* mais investidas de semântica são seguramente a laringe, os olhos com seus anexos, e as mãos (Ekman e Friesen, 1972).

Os blocos comportamentais que explodem no quotidiano comportam um certo desgaste dos valores sociais. O simples bocejo e a motórica do espreguiçar-se, o 'síndrome do espreguiçar' (Heymer, 1977), são tidos como inconvenientes por todo o mundo ocidentalizado; outro tanto acontece no Japão relativamente ao *eyebrow flash* (Eibl-Eibesfeldt, 1976).

O riso violento e convulsivo, que, ao contrário do riso comum, escapa ao afeiçoamento da cultura, é indesejável e irreprimível; respondendo a uma situação de paradoxo, explode frente a quem o desencadeou. Com ele, cessa o discurso e afirma-se uma mensagem de agressão incontida. O próprio vitalista Bergson vê nele «uma *grimace*, única e definitiva (...) como se toda a vida moral da pessoa cristalizasse nesse sistema». A mímica dissolve-se em máscara, desinibem-se as lágrimas; cabeça e tronco estendem-se quase em opistótono; erguem-se os ombros, o diafragma fixa-se; o corpo é sacudido por abalos clónicos violentos, que se repetem em salvas — enquanto a representação do paradoxo presenciado, sem se esgotar, volta ao campo apotencial e alimenta a actividade consumatória. O sujeito abandona-se a essa actividade, que o arrasta e lhe obscurece a vigilância plena, como num orgasmo.

A capacidade de subversão pelos instintos — o riso, a agressão, o amor, o próprio sono — advém da sua força violenta, que informa a cultura mas constantemente a infringe, excedendo as normas feitas para a conter. A Eto-logia, por detectar a onipotência dos instintos na cena social, comparticipa da sua condição subversiva. Propõe a causa, a forma, a função e a chave da evolução dos comportamentos instintivos⁶. Nos movimentos do amor, força subversiva por excelência, descortina, para além da função reprodutora, o carácter subtil da corte, as suas tácticas de contacto imediato

— o *grooming* sexual, antigo comportamento de aproximação, o beijo, ritualização erótica da oferta de alimentos boca a boca em contexto epimelético — e as suas estratégias de contacto a distância (desvio do sorriso, interrupção e retomada do olhar — v. Eibl-Eibesfeldt, 1976). Nos gestos do amor encontra, ainda, a função violenta do vínculo, onde reapparece o gesto arcaico da mão que envolve a cabeça da pessoa amada (fig. 8).

Alguns autores, optimistas da História, convictos da evidência de progresso e processo históricos susceptíveis de melhorar a condição humana, escandalizaram-se — como bem se sabe — com a rigidez das teses biológicas, e voltaram-se para as hipóteses culturalistas e a Psicologia do comportamento. Tanto no plano teórico como no metodológico não é difícil reconhecer qual das duas orientações — Eto-logia objectivista, teorias da aprendizagem — se destina, em sentido estrito, a manipular.

O etólogo, discretamente presente no ambiente natural das espécies que estuda, defende-se de intervir como de uma causa de erro; enquanto o psicólogo do comportamento procura justamente modificar um comportamento ou uma função parcelares. Para obter essas modificações, que são o alvo e a glória da sua técnica, não se impede de transformar radicalmente o ambiente e de isolar as respostas que provoca do conjunto do indivíduo.

O seu optimismo intervencionista visa o Homem, e a convicção do sentido terapêutico e/ou histórico das transformações que opera — no âmbito implícito das ideologias dominantes — redimem-no da má consciência da própria crueldade dos processos que chega a empregar. Confere assim, passando do *behaviourismo* animal para o humano, uma base de rigor preventivo e repressivo (que faltava)

⁶ Os fenómenos mais escusos do comportamento social reservam certo espaço de contestação. Que pensar da singular sincronia dos ciclos menstruais entre adolescentes mantidas por longo tempo em íntimo conjunto (dormitórios comuns, internamentos), fenómeno de solidariedade sexo-social de função problemática, que parece operar-se por meio de uma feromona? (McClintock, in Chalmers, 1979).



Fig. 8—Relevo do templo de Kailasa, em Ellora (século VIII): Cena de amor.

ao poder judicial e seus equivalentes, reforçando com eficácia nova a tarefa antiga de vigiar e punir.

Ao serviço óbvio dos que detêm o Poder, as teorias da aprendizagem não ensinam como neutralizar ou desmascarar os que conduzem a própria estratégia do Poder; antes ensinam os desviantes do grupo a obedecer, e aqueles aos quais obedecerão a manipularem-nos com maior sucesso. As ideologias surgiriam, em última análise, como projectos experimentais realizados de modo a levar o Homem, em situações anti-naturais extremas, a produzir respostas sociais orientadas, por vezes nos limites da sua capacidade.

Constituiria então a Etologia como a indicação de um limite para a manipulação do Homem, embora a ideologia dos teóricos possa aproximar os seus intentos aonde a própria teoria os parece afastar. Elisabeth Lage: «*No interior do sistema ocidental, Skinner e Lorenz alinham-se do mesmo lado: onde se situa o poder, se defende a hierarquia, a ordem, a propriedade privada e o exército. Que importa se partem da perspectiva dos instintos ou do condicionamento, se o resultado pretendido é precisamente o mesmo?*» (Lage, 1977).

Porém, a Etologia, ao elucidar algo da causalidade do Poder e dos fenómenos da autoridade, retira-lhes a solenidade carismática que os rodeava. O escândalo provocado pelo darwinismo no século XIX, ao revelar que as estruturas morfológicas do Homem eram de filiação animal, tem um eco distante no século XX, quando o estudo comparativo dos comportamentos mostrou e mostra a proveniência mamaliana e primática de comportamentos sociais do Homem.

Mas enquanto a 'primeira revolução darwinista' (origem das estruturas) abalara sobretudo a versão divina da proveniência do Homem e a dignidade da sua condição religiosa, a 'segunda revolução darwinista' (origem dos comportamentos) parece votada a atingir a dignidade do Poder. Roland Barthes: «*Para ser subversiva, a crítica não precisa de julgar; basta-lhe falar da linguagem em vez de se servir dela. (...) A ironia não é mais do que a questão posta à linguagem pela linguagem*» (*Critique et vérité*, pp. 14 e 74).

Descrição e crítica sistemática de uma linguagem (não verbal), a Etologia está pois destinada a um papel corrosivo dos valores tradicionais que se fazem gesto, do sentido dos gestos que transmitem os valores sociais. Assim, enquanto análise de um sistema de linguagem que contém a palavra como subsistema, o discurso eto-lógico vem suscitar a ironia: das formas mais indiscutíveis, mais solenes do Poder, e dos seus conteúdos, revela a origem animal. Por isso, enquanto fundamenta as causas

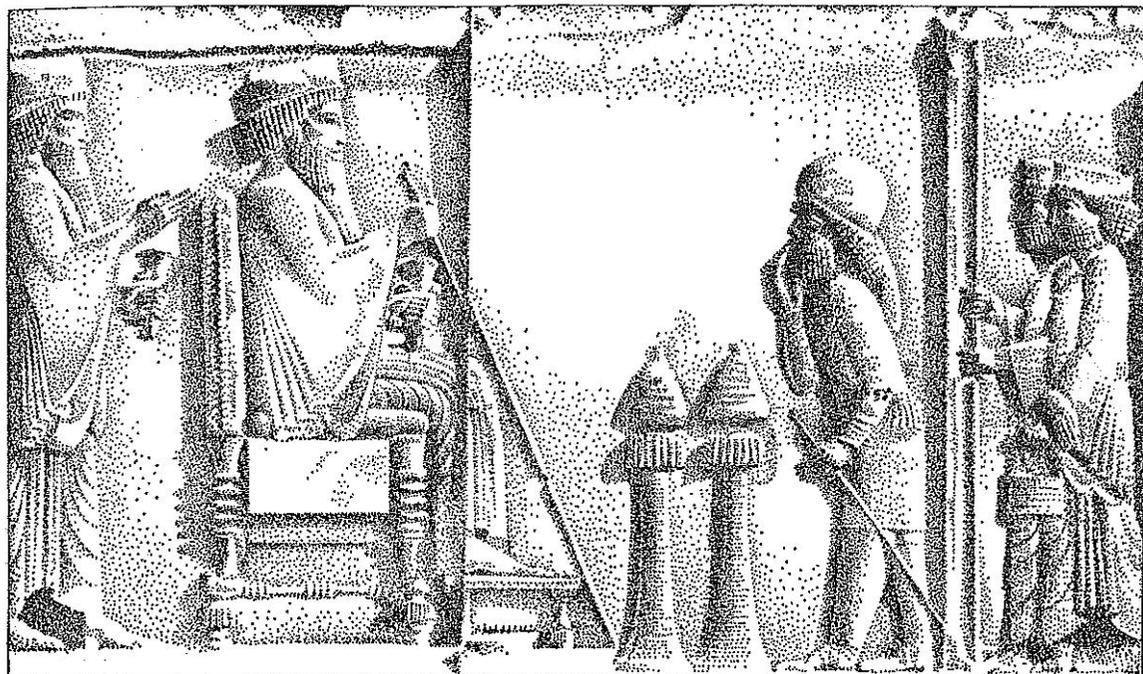


Fig. 9 — Relevo aqueménida, representando uma cena de audiência real (século V a.C.): Dario o Grande, sentado no trono, tendo atrás de si seu filho Xerxes, domina pela estatura os seguidores e súbditos, um dos quais se inclina em sua frente, reduzindo ainda a sua silhueta num 'movimento de intenção' de apaziguamento, expresso como saudação; entre o Rei dos Reis e o súbdito a quem concede audiência interpõem-se dois incensórios de configuração fálica.

e funções de tais comportamentos, produz a evidência da sua própria irrisão.

Sabemos hoje como as crianças entre um e dois anos podem agir em grupo com pleno sucesso de manipulação e demagogia, impondo-se como dominantes (Montagner, 1978). Esta arte, combinada com a *técnica da vida* (Thomae, 1963), não cessa de se aperfeiçoar. A Eto- logia clarifica o sistema de sinais de comuni- cação de prepotência e subordinação, de sedu- ção, injunção, ameaça, conformismo, ajuda recíproca, etc., em que o discurso intuitivo do Poder se torna discurso crítico.

No *Journal de la Santé de Louis XIV*, redi- gido pelos médicos reais Vallot e Daquin, refe- re-se como o rei, de pequena estatura, conse- guiu aumentá-la de modo a dominar pelo porte

os cortesãos e os embaixadores estrangeiros. Para isso adoptou os saltos altos⁷, a cabeleira e inúmeros atributos fanéricos do vestuário — conforme Rigaud retratou no seu quadro. Ins- tância ingénuo de afirmação de dominância, deduzida de uma linguagem geral do mundo animal, segundo a qual os dominantes e/ou vencedores adoptam atitudes ostensivas, erguem e apresentam cristas, barbatanas, penas, pêlos, apêndices e outros atributos que lhes alargam a silhueta e realçam o porte. Lei que, trans- posta da biologia para a cultura, é atestada, nas civilizações da Antiguidade, por represen- tações de homens de diferentes castas e em diversas posições de poder, figurados com dife- rentes tamanhos. O relevo aqueménida de que foi extraída a figura 9 mostra como o súbdito do rei, de estatura inferior, ainda se inclina em gesto ritualizado de apaziguamento. Analogamente, num vaso grego (fig. 10) o velho Geras inclina a sua pequena silhueta perante a pre-

⁷ A 'escalada' recente dos saltos femininos nas últi- mas décadas de moda ocidental tem a ver, obviamen- te, com a promoção do estatuto social das mulheres.



Fig. 10 — Vaso grego, representando Hércules e Geras; saudação mútua dos dois homens, de estaturas e graus de dominância diferentes.

sença dominante de Hércules, enquanto ambos fazem gestos de apaziguamento.

A concentração dos estímulos-sinais de dominância e a sua oferta às massas de subalternizados, promove, acentuada e multiplicada pelas *mass media*, a perfeita aprendizagem da obediência a partir da transmissão de sinais do próprio discurso biológico. O Duce (como o vemos hoje em alguns minutos de cinema) exhibe todos os *Auslöser* de domínio entre os Primatas (com excepção, porventura, da 'apresentação masculina'): postura alargada; espáduas erguendo-se com rotação interna dos braços; vociferações; exuberância hiperexpressiva dos gestos, com movimentos de intenção agressivos; *grimace*, com blefaroespasmo, retracção das commissuras bucais e apresentação dos caninos homóloga da dos Primatas actuais*.

A tática deste discurso elementar do Poder, deduzido da filogenia, reafere-se na experiência

de milénios de manipulação. Integrada numa estratégia, pode dirigir o instinto gregário contra o estrangeiro até às suas consequências extremas, e comutar a agressão em guerra. Hoje, os excessos do Poder são servidos por meios e projectos modernos de publicidade, que multiplicam os espectadores das paradas verbais e não verbais dos dominantes, e protegem estes dos possíveis sinais de inconformismo que desencadeiem. Os estímulos-sinais produzidos, de supremacia e sedução, presentes no gesto, na palavra e nos paralinguísticos (intonações, modulações, etc.), e o seu solene enquadramento; constituem os materiais comuns da manipulação quotidiana e 'democrática'.

Constitui, assim, a Etologia, um exemplo singular de um saber que, para além de fundamentar o Poder, ao elucidar a causalidade e a função de fenómenos em que o Poder se firma, acaba por pô-lo em causa, ao infiltrar a possibilidade de ironia e o sentimento do cómico no próprio conhecimento que transmite. A dignidade dos chefes, o apreço pela obediência, a clivagem de estatutos e condições, a competição, a instituição da violência (ritualizada), surgem clarificados à luz da sua raiz filogenética e do seu carácter primático. E contudo, a consciência do papel cáustico da origem animal do Poder, há muito pressentida, antecede de milénios o seu estudo científico (fig. 11).

IV. INDIVIDUALIDADE, MASSIFICAÇÃO, INCONFORMISMO

Cada geração tem urgência de uma coerência revolucionária que absorva ou integre o saber científico, e a Etologia foi inquirida, na sua geração, em contraponto da justiça social e dos

* As analogias bastam para fazer rir: as homologies tornam este riso mais grave. A atitude descrita comporta fragmentos prováveis da parada de carga dos Pongídeos (Goodall, 1973) e da sua postura de ameaça (Hoof, 1973).

Conhecem-se poucas espécies de Primatas actuais em cuja estrutura social faltem completamente as relações de hierarquia. Parece altamente provável terem existido comportamentos acentuados de dominância, geneticamente fixados e com importante função adaptativa, no passado hominiano.

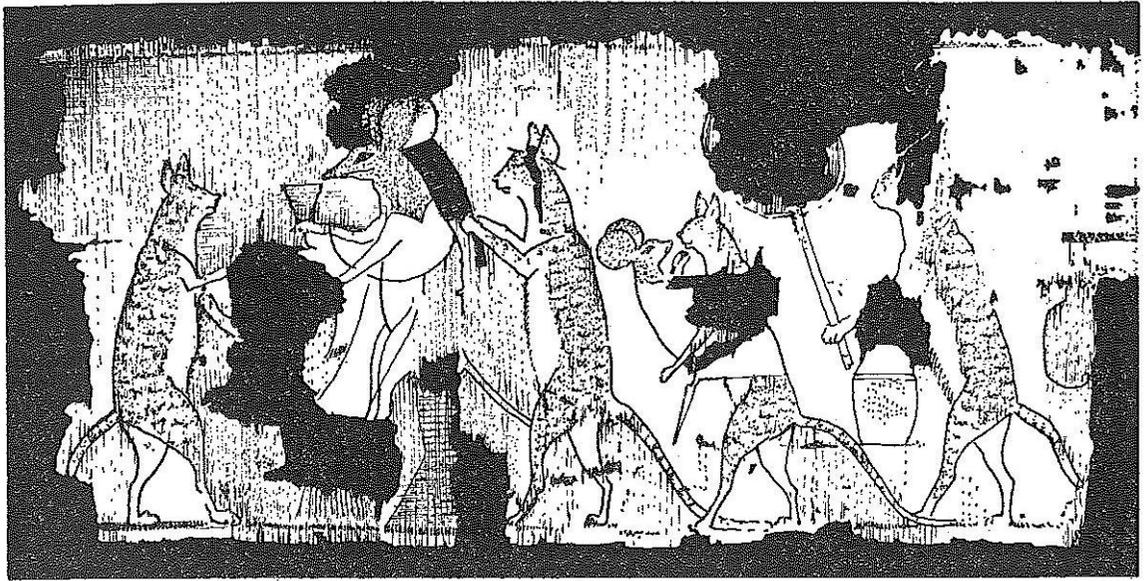


Fig. 11 — Papiro egípcio (1100 a.C.): Um rato com vestes e gestos humanos, sentado num trono e bebendo por uma taça, é servido por gatos, que o rodeiam em atitudes reverenciais, tributando-o um deles com um *grooming social*, enquanto um outro segura e acaricia um rato-criança que um terceiro protege com um guarda-sol.

seus modelos. De facto, desde a própria geração de Darwin até hoje, as disciplinas de inspiração darwinista têm sofrido tentativas de apropriação pelos poderes instituídos — tanto no seu corpo teórico como nos seus métodos e conclusões (Gould, 1977). Essas disciplinas foram transpostas em modelos analógicos da sociedade — o chamado «darwinismo social», segundo o qual a competição e selecção dos mais aptos seria condição de evolução social. Analogia tanto menos oportuna quanto a evolução cultural é, na sua essência, lamarckista (Wilson, 1978).

Contudo, a especulação irrealista de E. O. Wilson sobre uma hipotética sobrevivência de Australopitecos e conseqüentes implicações ideológicas, não deixa de reflectir algo do antigo sonho do «darwinismo social», desde o *Homo stupidus* de Haeckel às ‘raças inferiores’ dos antropólogos evolucionistas da época victoriana. E. O. Wilson: «Imagine-se a nossa aflicção moral se tivessem sobrevivido até hoje os australopitecos, de inteligência intermédia entre os chimpanzés e os seres humanos, em definitivo separados de uns e outros, evoluindo

logo abaixo de nós quanto à linguagem e às faculdades superiores da razão. Qual seria então o nosso dever para com eles? O que diriam os teólogos — ou os Marxistas, que poderiam ver neles a última forma de uma classe oprimida?» (Wilson, 1978).

Perante o mundo real do tempo presente, um modelo de «darwinismo social» que desse conta das forças evolutivas, poria em jogo alvos adaptativos e pressões selectivas extremamente redutores: (i) seleccionando o homem da civilização urbano-industrial, com exclusão de todas as outras culturas, i.e., restringindo dramaticamente o *pool conceptual*⁹ do Homem face ao mundo (processo de certo modo análogo à substituição de uma espécie selvagem por uma só das raças domésticas dela derivadas); (ii) circunscrevendo as pressões selectivas operantes ao capital realizado — estranha perversão adaptativa que escolheria os mais aptos segundo o dinheiro tesaurizado e reinves-

⁹ Conceito que contrapomos ao de *pool genético*, a título didáctico apenas, e passando do plano biológico para o antropológico.

tido, que se tornaria o elemento preponderante, senão exclusivo, de selecção social¹⁰.

É possível que uma interpretação etológica da motivação na sociedade massificada da mercadoria deva recorrer ao conceito de *estímulos-sinais supra-naturais*. Assim, à maneira de certas aves marinhas que preferem uma negaça de um ovo gigante aos seus próprios ovos, o homem da Sociedade mercantil responde preferencialmente às negaças irrisórias que se substituem à (sua) própria natureza. Condiionadas e fixadas as respostas a estes objectos, eles tornam-se gostos, e os sujeitos vão alienar-se radicalmente na sua re-petição.

Mas ao mesmo tempo que esta nova sociedade suprime o mundo da vida e lhe substitui o cenário da publicidade, retoma, na miséria dos seus processos, os alvos instintivos do Homem. Paradoxo supremo: violentando a natureza em nome do capital, o Espectáculo invasivo ainda procura firmar-se na herança da condição humana: e o espaço das *mass media*, espaço de morte — dos jornais, da televisão e dos anúncios — povoa-se de estímulos-sinais para-instintivos, capazes de suscitar respostas das quais beneficiará o débito de mercadoria.

No domínio da Ecologia do comportamento surge, então, a pergunta: quais são os limites do ambiente natural do Homem? O mundo urbano-industrial constitui ainda para o Homem um ecossistema *natural*, ou reproduz antes condições de cativeiro, de laboratório ou de jardim zoológico (Russell e Russell, 1968; Morris, 1970)? Evoluindo em ambiente urbano

¹⁰ No extremo limite, e em linguagem sócio-biológica, dir-se-ia que, no mundo urbano-industrial da modernidade, o sucesso genético (*genetic fitness*) se pode avaliar em termos de investimento do capital realizado, que comandaria a viabilidade e o êxito do investimento germinal, facilitando a expansão dos genes de tais organismos, em condições ideais, pelas populações — paralelamente com a capacidade de o dinheiro pro-criar ilimitadamente mais dinheiro e ser condição de Poder sobre um grupo humano dado.

É curioso verificar quanto os conceitos operacionais chave da Sociobiologia — v.g. de sucesso genético, sucesso inclusivo (*inclusive fitness*), selecção de parentesco (*kin selection*) e altruísmo recíproco (*reciprocal altruism*) — transpostos para o plano da dinâmica económica das sociedade de produção e consumo, se parecem adequar à leitura dos fenómenos.

desde o Neolítico, sofre o Homem os efeitos de um processo hipotético de 'auto-domesticidade' (Lorenz, 1970; Washburn, 1960) que provocou sem o saber? Que alterações sobre- vêm então no seu comportamento social, e quais as suas consequências?

Numa sociedade em que a tecnologia dos que detêm o Poder visa uma manipulação ilimitada dos comportamentos do Homem, os limites propostos pela Etologia adquirem um valor de protecção do mundo humano. A Etologia humana torna-se numa medida de equilíbrio dos valores bio-sociais, numa espécie de epicurismo dos tempos presentes, cada vez mais incómodo para o projecto de produção e consumo dos estados modernos. Oskar Heinroth: «*Ao lado das penas do faisão Argus, o produto mais estúpido da selecção intra-específica é, provavelmente, o ritmo de trabalho do homem civilizado*» (in *L'Express*, 1970).

De resto, se a tecnocracia do mundo urbano-industrial do Espectáculo refizer, por manipulação genética dos comportamentos sociais, o 'homem' propício aos seus designios, há-de corrigir os traços actuais de agressividade, impulsividade e labilidade afectivo-emocional, os comportamentos 'ao lado' perante conflitos de motivações, eliminando provavelmente pulsões e sentimentos como o ciúme, a ironia, e muitos outros. Esses traços alteram a estabilidade do seu rendimento e o rigor do seu trabalho, constituem factores perturbadores do projecto de eficácia produtiva ilimitada, base e horizonte do Poder nas sociedades massificadas.

Suficientemente 'inumana' (em especial quando se ocupa do Homem), suficientemente virada para uma promoção tecnológica da eficácia, a Sociobiologia surgiu¹¹, aparentemente, como a disciplina de que o sistema necessitava

¹¹ A Sociobiologia, disciplina da Biologia evolutiva, que integra conhecimentos sobretudo da Etologia, Ecologia do comportamento, Genética das populações e Entomologia social, surge com a publicação de *Sociobiology, the New Synthesis* (Wilson, 1975). O próprio autor a define como «o estudo sistemático das bases biológicas de todo e qualquer comportamento social» (*op. cit.*). Alguns dos seus conceitos fundamentais tinham sido definidos, já então, por Hamilton (1964).

para fundamentar e caucionar a massificação da sociedade, extraindo de uma sociologia biológica, mediante modelos matemáticos, um elevado grau de rigor e de previsibilidade. Daí concerteza o grande sucesso heurístico que logo alcançou, sobretudo no mundo científico de língua inglesa.

Wilson não esconde o projecto de fazer intervir a Sociobiologia no domínio político, v. na planificação da cultura e na política das populações (Wilson, 1978). Já em 1971, em *The Prospect for a Unified Sociobiology*, capítulo com que concluía um volume sobre insectos sociais, se propunha alargar o seu modelo às outras sociedades animais. Atraído enfim pelo projecto de estudar as sociedades humanas com uma metodologia e uma armadura conceptual deduzidas do estudo das sociedades de Insectos, E. O. Wilson adopta modelos exactos da Sociologia entomológica, e, sob a forma de advertência, disfarça o seu entusiasmo de que as sociedades de homens se aproximem, no futuro, das sociedades de Himenópteros.

E. O. Wilson: «*O dilema da humanidade é que a tecnologia e o crescimento da população nos empurraram até ao ponto em que talvez sejamos mais eficazes numa sociedade com um tipo de altruismo e uniformização semelhantes ao das térmitas, embora não possamos e não devemos renunciar à individualidade primática, que nos conduziu em primeiro lugar ao limiar da civilização*» (Wilson, 1971).

«*Se (o impulso altruista) fosse hard core, a História seria uma imensa intriga à feição de Himenópteros, intriga de nepotismo e racismo*» (Wilson, 1978).

No próprio mundo em que a tecnologia e a massificação anunciam um tal desgaste do ambiente que parece abrir vantagens decisivas à gregaridade de alguns Insectos sobre a individualidade dos Mamíferos (Frisch, 1976), é natural que a opção se ponha ao Homem, em termos de eficácia, e que as próprias ideologias tecnológico-massificadoras impliquem e forcem a mutação contra-individual (entomológica) da sociedade.

Tudo se passa, segundo os postulados socio-biológicos, como se os genes transmitissem, mediante a informação que veiculam para os comportamentos sociais dos organismos, a própria informação para uma estratégia auto-perpetuadora: por isso, na perspectiva sócio-biológica *hard core*, os indivíduos tornam-se autómatos dos genes (Dawkins, 1976), i.e., de entidades abstractas que actuam segundo relações numéricas previsíveis: triunfo da visão tecnocrática sobre a naturalística, e da intervenção sobre a contemplação. Neste contexto, Wilson considera a Etologia como disciplina obsoleta, votada a ceder lugar à Neuroetologia, à Ecologia e à Sociobiologia (Wilson, resposta a Eibl-Eibesfeldt, 1979b).

Estes pontos de vista suscitam, naturalmente, reacções antitéticas. Eibl-Eibesfeldt: «*Será uma galinha apenas a maneira de um ovo produzir mais ovos?*¹² *Talvez, mas como biólogo não aceito para o Homem uma versão a tal ponto simplista, e fico relutante em aceitá-la mesmo no caso da galinha*» (Eibl-Eibesfeldt, 1979b).

Assim se afirmam as personalidades diversas dos especialistas do comportamento animal: o etólogo, observador atento da natureza, da totalidade do comportamento de um grupo de animais na totalidade do ambiente; o psicólogo do comportamento, homem de laboratório, interessado em isolar uma unidade comportamental e agir sobre ela, modificando-a, esperando realizar fenocópias passivas dos seres; o socio-biólogo, estudioso das sociedades de Insectos, adepto de uma Sociologia exacta fundamentada em métodos matemáticos, mesmo ao preço de distanciação da vida, e convicto de poder estender ao Homem o seu modelo e métodos de análise.

Apesar da existência de uma genética de comportamentos sociais remotíssimos, fixados durante milhões de anos de hominização, que antecedem e desafiam a sapiência milenária de *Homo sapiens sapiens*, este ser neoténico — aberto, por informação dos genes, à aprendizagem

¹² Retomando a frase de Samuel Butler no romance satírico *Erewhon* (1872): «A chicken is an egg's way of producing another egg.»

gem (Mayr, 1976), programado para programar, 'especialista da não especialização' (Lorenz, 1970), jogador para além da juventude e até à morte — contém em si a capacidade de pôr em causa os seus hábitos e as suas instituições: Nesta *desproporção lúdica* do Homem, o inconformismo será porventura o mais humano dos seus traços.

A própria História, memória das intrigas do Poder e do Conhecimento, parece-nos constituir uma sucessão descontínua de contestações, sempre reconduzidas à norma bio-social, ao quadro espaço-hierárquico em que se organizam os grupos humanos. Ao lado do imperativo biológico, senão integrado nele como um seu correlato, afirma-se com constância a existência da insubmissão e do desvio, condições

de cultura e História. Assim a hierarquia, a obediência e o discurso do Poder são confrontados, no horizonte humano, com a desobediência e a rebelião (fig. 12).

Qual pode ser — a esta luz e neste tempo — o significado adaptativo do inconformista face aos que detêm o Poder e empreendem a aniquilação do mundo antigo em nome do mundo da mercadoria, de crescimento sem limites? Qual o sentido da insubmissão, e da violência, neste novo cenário? Violência dos novos tiranos de recorte tecnocrático contra o insubmisso, e deste contra a nova ordem em que se joga o fim do jogo — num ponto limiar da evolução em que o destino do grupo humano se decide entre o 'individualismo mamaliano' e um 'colectivismo de Himenópteros'.

RESUMO

Desde as suas origens históricas, a Etologia vem sendo apropriada pelas ideologias mais conservadoras. Procuramos, neste ensaio, enunciar algumas das suas potencialidades de subversão.

RÉSUMÉ

Depuis son origine historique, l'Ethologie a été souvent mise à profit par les idéologies les plus conservatrices. Nous nous proposons dans cet essai d'énoncer quelques unes de ses potentialités de subversion.

REFERÊNCIAS

- ABLER, W. L. (1976) — «Asymmetry in the Skulls of Fossil Man: Evidence of Lateralized Brain Function?», *Brain Behav. Evol.*, 13:111-115.
- CALLAN, H. (1970) — *Ethology and Society*, London, Oxford University.
- CHALMERS, N. (1979) — *Social Behaviour in Primates*, London, Arnold.
- CHANCE, M. R. A. (1967) — «Attention structure as the basis of primate rank order», *Man (London)*, 2:503-518.
- DAWKINS, R. (1976) — *The selfish gene*, Oxford, Oxford University.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1972) — «Ethologie, Biologie du Comportement», *Naturalia et Biologia*, Paris.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1976) — *L'Homme Programmé*, Flammarion, Paris.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1979a) — *Par delà nos différences*, Flammarion, Paris.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1979b) — «Human ethology: concepts and implications for the sciences of man», *The Behavioral and Brain Sciences*, 2:1-57.



Fig. 12—Ardósia gravada, da época Tinita (3100 a.C.): Nos alvares da História, o rei Narmer do Alto Egipto, rodeado por deuses tutelares e insígnias reais, faz com que se abata sobre um insubmisso, já vencido e vergado, a violência do Poder.

- EKMAN, P.; FRIESEN, W.V. (1972)—«Hand Movements», *The Journal of Communication*, 22:353-374.
- FRISCH, K. von (1976)—*Les insectes, maîtres de la terre?*, Flammarion, Paris.
- FROMM, E. (1973)—*The Anatomy of Human Destructiveness*, Holt, New York.
- GALDIKAS, B. (1980)—«Indonesia's Orangutans: Living with the Great Orange Apes», *Nat. Geographic*, 157 (6):830-853.
- GOODALL, J.V.L. (1973)—«The Behavior of Chimpanzees in their natural habitat», *Amer. J. Psychiat.*, 130:1-11.
- GOULD, S.J. (1977)—*Ever since Darwin: Reflections in natural history*, Norton, New York.
- GROVES, C.P., HUMPHREY, N.K. (1973)—«Asymmetry in Gorilla Skulls: Evidence of Laterally Specialized Brain Function?», *Nature (London)*, 244:53-54.
- HAMILTON, W.D. (1964)—«The genetical evolution of social behaviour», I and II, *J. Theoret. Biol.*, 7:1-52.
- HEYMER, A. (1977)—*Vocabulaire éthologique*, P.U.F., Paris.
- HOOF, J. A. R. A. M. van (1972)—«A comparative approach to the phylogeny of laughter and smiling», in R. A. Hinde (ed.) *Non-verbal Communication*, 209-237, Cambridge Univ., Cambridge.
- HOOF, J. A. R. A. M. van (1973)—«A Structural Analysis of the Social Behaviour of Semi-captive Group of Chimpanzees», in M. v. Cranach & I. Vine (eds.) *Social Communication and Movement*, 75-162, Academic, London and New York.
- JACQUARD, A. (1980)—*Inné-acquis: des témoignages qui revêtent une singulière actualité*, P.U.F., Paris.
- EAGE, E. (1977)—«Le péché capital de l'éthologie: Konrad Lorenz», in *Discours biologique et ordre social*, Seuil, Paris.
- EANGANEY, A. (1979)—*Le sexe et l'innovation*, Seuil, Paris.
- L'EXPRESS (1970)—*L'Express va plus loin avec Konrad Lorenz*, n.° 986, 7 Juin, 66-73.
- LORENZ, K. (1970)—«Le tout et la partie dans la société animale et humaine: un débat méthodologique», in *Trois essais sur le comportement animal et humain*, 71-174, Seuil, Paris.
- LORENZ, K. (1974)—«Analogy as a Source of Knowledge», *Science*, 185 (4147), 229-234.
- LORENZ, K. (1975)—*L'Envers du Miroir*, Flammarion, Paris.
- MacLEAN, P. D. (1973)—«Bases neurologiques du comportement d'imitation chez le singe-écureuil», in *L'Unité de l'Homme*, 186-214, Seuil, Paris.
- MacLEAN, P. D. (1976)—«Brain Mechanisms of Elemental Sexual Functions», in A. M. Freedman, H. J. Kaplan, B. J. Sadock (eds.) *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, II, 1386-1392, Williams & Wilkins, Baltimore.
- MAYR, E. (1976)—«Behavior Programs and Evolutionary Strategies», in E. Mayr, *Evolution and the Diversity of Life*, 694-711, Belknap, Cambridge and London.
- MONTAGNER, H. (1978)—*L'enfant et la communication*, Stock, Paris.
- MORRIS, D. (1970)—*The Human Zoo*, Cape, London and New York.
- PLOOG, D. (1977)—«Comunicação em sociedades de macacos e seu significado para as formas de comunicação do homem», in H.G. Gadamer & P. Vogler (eds.) *Nova Antropologia*, vol. 2 (*Antropologia Biológica*), 74-136, E.D.U.S.P., São Paulo.
- PONGRATZ, L.J. (1973)—*Lehrbuch der Klinischen Psychologie: Psychologische Grundlagen der Psychotherapie*, Hogrefe, Göttingen.
- ROSTAND, J. (1945)—*Esquisse d'une histoire de la biologie*, N.R.F., Paris.
- RUSSELL, C.; RUSSELL, W. M. S. ((1968)—*Violence, Monkeys and Man*, Macmillan, London.
- SABATER-PÍ, J. (1974)—«An Elementary Industry of the Chimpanzees in the Okorobikó Mountains, Rio Muni (Republic of Equatorial Africa), West Africa», *Primates*, 15 (4):351-364.
- SAVAGE-RUMBAUGH, E.S., RUMBAUGH, D.M., BOYSEN, S. (1978)—«Linguistically mediated tool use and exchange by chimpanzees (*Pan troglodytes*)», *Behavioral and Brain Sciences*, 1 (4), 539-554.
- SPATZ, H. (1966)—«Gehirnentwicklung (Introversion-Promination) und Endocranialausguss», in R. Hassler & H. Stephan (eds.) *Evolution of the Forebrain*, 136, Thieme, Stuttgart.
- THOMAE, H. (1963)—*Arbeitsunfall und seelische Belastung: Ergebnisse einer Untersuchung*, Karger, Basel.
- TINBERGEN, N. (1973a)—«Ethology», in *The Animal in its World*, II, 130-160, Unwin, London.
- TINBERGEN, N. (1973b)—«Functional Ethology and the Human Sciences», in *The Animal in its World*, II, 200-231, Unwin, London.
- VIEIRA, A. B. (1979)—«Os padrões de comportamento nos síndromos psicomotores e nas dissoluções demenciais», in *Psiquiatria e Etologia*, 187-219, Lisboa.
- VIGNAUX, G. (1977)—«Les arguments pour une nouvelle 'logique du vivant'», in *Discours biologique et ordre social*, 14-94, Seuil, Paris.
- WASHBURN, S.L. (1975)—«Utensílios y Evolución Humana» in *Biología y Cultura: Introducción a la Antropología Biológica y Social*, 159-172 (Selecciones de *Scientific American*), Blume, Rosario & Madrid.
- WICKLER, W. (1967)—«Sociosexual signals and their intraspecific imitation among primates», in D. Morris (ed.) *Primate Ethology*, Nicolson, London.
- WILSON, E.O. (1971)—«The Prospect for a Unified Sociobiology», in *The Insect Societies*, 458-460, Belknap, Cambridge.
- WILSON, E. O. (1975)—*Sociobiology, the New Synthesis*, Belknap, Cambridge.
- WILSON, E. O. (1978)—*On Human Nature*, Harvard University, Cambridge.